

DESENLACES (AUTO)BIOGRÁFICOS EM ANAIS NIN: UM BREVE RECORTE SOBRE O INCESTO

José Ricardo da Hora Vidal¹

(1) Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – ricardovidal@hotmail.com.br

Resumo

O presente artigo, parte de uma dissertação em andamento sobre a literatura erótica feminina, versará sobre o tema do incesto nos escritos da autora franco-norte-americana Anaïs Nin (Paris, 1903 – Los Angeles, 1977), famosa pelos seus diários, ensaios e ficções em prosa. Tendo o seu pai abandonando a família quando Nin era criança, ela o reencontrará mais tarde (já casada com Hugh Giller, mas mantendo casos extraconjugais com seus psicanalistas Renè Allendy e Otto Rank, além do casal Henry e June Miller) e, segundo o que relata em “*Incesto: de Um Diário Amoroso: diário completo de Anaïs Nin 1932-1934*”, teria seduzido sexualmente e posteriormente deixa-lo como vingança. Ora, segundo o que a autora revela nesse mesmo livro, ela coloca páginas do diário na sua ficção (nunca o contrário). Sendo assim, o incesto retomaria na sua produção literária, seja como um símbolo no poema em prosa “*A Casa de Incesto*”, seja como tema do conto autoficcional *O aventureiro húngaro*, do seu livro “*Delta de Vênus: História Eróticas*”. Partindo desse corpus, será discutido nesse artigo, pelo viés da literatura comparada, os conceitos de “Incesto” segundo Freud e Bataille; “Autoficção” e “Biografema” na perspectiva de Leonor Arfuch, Beatriz Sarlo e Eneida Maria de Souza; e Corpo Feminino em Susan Bordo, Michel Foucault e Judith Butler; e como eles podem ser operacionalizados para a análise da autora supracitada.

Palavras-chave: Incesto, autoficção, corpo feminino, Anaïs Nin,

Este trabalho é um recorte da dissertação em andamento intitulada “*Reflexões acerca do feminino: uma análise do erotismo em Anaïs Nin e Ana Ferreira*” (sob a orientação do Prof. Dr. Paulo César Garcia) que, através de uma pesquisa de caráter bibliográfico, intenta analisar “Delta de Vênus” e “Amadora” para compreender a produção de uma literatura erótica de autoria feminina na atualidade. Angela Anaïs Juana Antolina Rosa Edelmira Nin y Culmell foi uma escritora franco-norte-americana nascida em Neuilly-sur-Seine (França), filha primogênita de José Joaquín Nin y Castellano (pianista e compositor cubano de ascendência espanhola) e da cantora Rosa Culmell y Bourdin (cubana de ascendência franco-dinamarquesa). Na apreciação de ALEXANDRIAN (1994, p. 305), foi a melhor “De todas as romancistas modernas que praticaram depois o erotismo literário”. Começou a escrever seu diário aos onze anos de idade, em decorrência de seu pai abandonar² a família e dela ir morar nos EUA. Mais tarde, se casa em primeiras núpcias com Hugh Parker Giller e volta a morar em Paris entre os anos 20 e 30 do século XX, quando entra em contato com os Surrealistas, a Psicanálise freudiana e Henry Miller. Lá, publica seus primeiros livros, em inglês. Com a Segunda Guerra Mundial, volta aos Estados Unidos da América. Nessa volta, teria conhecido Rupert Pole, como quem iria se casar (embora não estivesse separada de Hugh Parker).

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural / Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação Campus II, sob a orientação do Professor Dr. Paulo César Garcia.

² Segundo sua biógrafa Deirdre Bair, esse não seria o primeiro caso da família. Sua avó materna, Anaïs Vaurigaud y Bourdin, teria abandonado seu esposo Thorwald Culmell Cristensen seus nove filhos: Rosa, Juana, Anaïs, Edelmira, Antolina, Thorwald e Têodoro. Segundo a versão da própria Anaïs Nin, sua avó homônima teria sido flagrada com um amante em casa... (BAIR: 1995, p. 04)

Depois de uma temporada de viagens pelo interior, o casal Anaïs-Rupert se estabelecerá na Califórnia. Curiosamente, o casamento com Rupert foi anulado devido a problemas com a Receita Federal norte-americana (uma vez que tanto ele como Hugh declaravam simultaneamente Anaïs Nin como esposa e dependente), o que não impediu de ela continuar vivendo com ele e mantendo uma boa relação com o primeiro marido. Com a publicação dos primeiros volumes editados (ou seja, sem entrar em detalhes da sua vida afetiva-sexual e omitindo o máximo possível as referências ao primeiro marido, Hugh Giller) dos diários na década de 1960, Nin ganhou fama, inclusive se tornando um ícone feminista. Após a sua morte, em 1977, foram publicados seus contos eróticos, inicialmente escritos para satisfazer um a vontade de um “Colecionador” anônimo. Conforme observa ALEXANDRIAN (1993, p. 309): “O que há de perturbador nesses contos eróticos é que Anaïs Nin mantém sempre o senso de beleza carnal, e mesmo da elegância moral, nas perversões”. Após o falecimento de Hugh Giller é que os diários foram relançados, sem cortes.

No entanto, só com a publicação desses diários não-expurgados é que foi possível conhecer melhor alguns aspectos de sua vida, como a relação incestuosa com seu pai. Conforme observa Deirdre Bair, José Joaquín Nin y Castellanos era um homem sedutor que tinha uma obsessão pelo melhor “seja em roupas, carros ou mulheres³”. Tendo algo de um herói romântico, meio que seguindo o arquétipo de Don Juan (conquistador de mulheres, com ares aristocráticos e gostos refinados), conseguiu manter uma correspondência mais ou menos regular com a filha mais velha, manipulando de certo modo os sentimentos dela – levando-a a fantasiar, quando criança, que o pai era um músico brilhante o qual vivia de sua arte pelo mundo⁴. Só mais tarde que essa percepção será mudada. Contudo, ainda que sentindo magoada com ele, não o condenou, como fez a sua mãe Rosa Culmell. Depois de alguns anos com contatos via correspondência, os dois iriam se encontrar em 23 de junho de 1933, em Valecure (atual Saint-Raphaël, Var), na Côte-D’Azur, França. De acordo com o que relata a autora em seu diário, o pai se encontrava convalescendo. Joaquín Nin se apresentava mais fraco para sua filha, todavia havia um certo clima de sedução no ar. Por exemplo, ele a tratava como “sua noiva”. Depois de conversarem um pouco, passearem de carro, eles passam a noite conversando, inclusive com Joaquín contando detalhes íntimos de sua vida sexual com a mãe de Anaïs Nin: “Ele fala sobre a vida com Mamãe (...). Fico muito chocada. Primeiro, porque é estranho descobrir a vida sexual dos próprios pais – da própria mãe. Segundo, porque Mamãe parecia Puritana”. (2008, p. 190). Começa, então, a surgir uma espécimen de tensão sexual entre eles, principalmente quando a autora começou a contar seus casos extraconjuguais. Nin o viu não como um pai, mas como um rei a ser capturado. No outro dia, os dois ficaram no quarto, ela vestindo um robe de seda. Joaquín declara que sua filha é a síntese de todas as mulheres que já ele amou. Ela percebe que alguma coisa atinou os desejos mais recônditos de seu pai, e ele de um sonho erótico, que a filha o masturba com as mãos cheias de joias. A autora também confidencia que sonhou com ele. As frases começam a ser seguidas por silêncios, e a revelação do que um sente pelo outro transcende as relações mais convencionais e pudicas entre pai e filha. Não demora muito para que o eles comecem a se beijar e

Meu corpo se entregava à penetração dos dedos [do pai na sua vagina], mas eu resistia, resistia ao prazer. (...), para escapar a ele, fingi. Mais uma vez, deitei-me por cima de Papai e senti a rigidez de seu pênis. Ele abriu as calças. Eu o acariciei com a mão. Papai tremia de desejo.

Com uma estranha violência. Levantei o robe e me deitei por cima dele.

(.....)

³ (BAIR: 1995, p. 09).

⁴ (BAIR: 1995, p. 25).

Via-se o êxtase em seu rosto, e eu agora enlouquecida com o desejo de nos unirmos, ondulando, acariciando, me segurando nele. Papai (...) se esvaziou todo dentro de mim e minha entrega foi infinita”. (NIN: 2008, p. 189).

Durante nove dias, pai e filha teriam se entregue a um frenesi erótico. Aparentemente, Joaquín Nin parecia coroar sua carreira de “glameroso sedutor espanhol”, seduzindo a própria filha. Contudo, numa leitura mais atenta, percebe-se que é Anaïs Nin quem conduzia o clima de sedução entre eles. O pai, homem viril, o Rei Sol, potente, era quem se entregava apaixonadamente a filha bela, fogosa, sensual e “*Tan picara como su padre*”! (NIN: 2008, p. 196). Na última noite, depois que Anaïs Nin recebe correspondências, ele chora porque sabia que iria se separar dela. Era a filha quem abandonava o pai, dirigia-se a Avignon, mas não para encontrar com seu marido. O encontro era com seu amante Henry Miller (NIN: 2008, p. 197). Segundo o prefácio de Rupert Pole ao livro *Incesto*, ela teria seduzido e abandonado seu pai (como forma de castigá-lo) encorajada pelo seu psicanalista e amante, Dr. Otto Rank (POLE: 2008, p.08). Nessa mesma época, Anaïs Nin estava escrevendo “*Alraune*”, que viria a ser a versão prévia de seu poema em prosa “*A casa do incesto*”. E mais tarde, a figura de seu pai serviria de base para o personagem principal do conto *O aventureiro húngaro*, um sedutor especialista em conquistar mulheres ricas que, no seu declínio, acaba estuprando as próprias filhas.

Falar em autoficção implica, no âmbito deste artigo e do *corpus* da referida pesquisa, tratar, também, de autobiografia, ou do que Arfuch (2010) define como relato autobiográfico. A teórica acredita que a grande questão não gira mais em torno do questionamento de um relato ser ou não “verdadeiro”, “real”, mas que a ficcionalidade estará atrelada ao *horizonte de expectativas* causado. Assim, a pesquisadora aproxima-se de Phillipe Lejeune, na medida em que a referencialidade será tomada como “verdade” pelo leitor de acordo com sua própria leitura - um texto autobiográfico não tem mais a prerrogativa de ser considerado, *avant la lettre*, “verdadeiro”. Mesmo porque - e aí Arfuch se distancia de Lejeune e se aproxima de Bakhtin - é impossível que vida e narrativa coincidam. Uma vez que um fato se textualiza, ele já é, em última instância, ficção. Sendo assim, a escrita diarística de Anaïs Nin em *Henry & June* está neste entrelugar, entre a ficção e a autobiografia.

Tomando como base leituras que abordam o campo de discussão sobre o feminismo e diversidade de gênero, em que e como as personagens mulheres se revelam nas referidas obras e se existem interrelação entre o diário e a literatura, seja pelo olhar crítico que as escritoras empreendem para direcionar a aversão ao patriarcalismo, seja pelo discurso que as marcam pelo corpo, a erotização na escrita das escritoras pode ser questionada como uma arma para desconstruir sentidos regularizados pelo sistema logocêntrico. Assim, a pesquisa objetiva não somente recortes de análises produzidas por intermédio do pós-estruturalismo, como daí adentrar no pensamento que desconstrói a disciplinarização do corpo feminino, girando em torno de: como, para quê e por que o feminino se erotizar? As obras de Anaïs Nin são consideradas escritas que desvelam o lugar do corpo da mulher por um foco crítico e teórico. É com este propósito que o estudo tem tomado rumo na expectativa de leituras transversais para situar a tradução da cultura de gênero, ainda que se agregue à violência física e simbólica à mulher, não remediando os desejos de posse e, ainda, se curvando à objetificação da subjetividade feminina quando enredada pelo poder masculino.

Referência

- ALEXANDRIAN. Literatura Erótica Feminina. In: *História da literatura erótica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 279-328.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAIR, Deirdre. *Anais Nin: A biography*. New York: G. P. Putnam's Son, 1995.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. **Filô**Bataille.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2 vols. São Paulo: Círculo do Livro, S.D.
- BISCARO, Regina. *Incesto: um fenômeno arquetípico*. São Paulo: Zouk, 2003.
- BORDO, Susan R; JAGGAR, Alison M. (org). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.
- BRANCO, Lúcia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial / LTC-Livros Técnicos e Científicos, 1989).
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e Senso Comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. Humanitas.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: Pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CULLER, Jonathas. *Teoria literária: Uma Introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (org). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. Sexualidade, Gênero e Sociedade.
- EAGLETON, Terry. *Teoria literária: Uma Introdução*. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Biblioteca Universal.
- FREUD, Sigmund. Romances Familiares. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira vol IX*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 217-224.
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira vol XIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-162.
- FOUCAULT, Michel. Prefácio à Transgressão. In: *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. Coleção Ditos & Escritos vol. III. p. 28-46.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24ª ed. Edições Loyola, São Paulo, 2014. Col. Leituras Filosóficas.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 3 vols. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- GARCIA, Paulo César Souza. *Literatura e representações do homoerotismo*. Salvador: Eduneb, 2014. Série Crítica Cultural vol. II.
- GARCIA, Paulo César Souza; SEIDEL, Roberto Henrique e SANTOS, Cosme Batista dos (org). *Crítica cultural e educação básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. Língua[gem].
- MESSEDER, Suely Aldir; MARTINS, Marco Antonio Matos (org). *Enlacando sexualidades*. 2 Vols. Salvador: Eduneb, 2009.
- MOREIRA, Osmar. Literatura comparada: uma poética do descentramento. in. *Os primeiros passos de um crítico cultural*. Salvador: UNEB, Quarteto, 2002.
- NIN, Anais. *A casa do incesto e outras histórias*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1991.

- NIN, Anaïs. *Delta de vênus: Histórias Eróticas*. Porto Alegre: L&PM, 2006. Col. L&PM Pocket.
- NIN, Anaïs. *Delta of venus*. London / New York: Penguin Books, 1990.
- NIN, Anaïs. *Em busca de um homem sensível*. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- NIN, Anaïs. *Fala uma mulher: As Conferências, Seminários e Entrevistas de Anaïs Nin*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- NIN, Anaïs. *Incesto: de Um Diário Amoroso: O Diário Completo de Anaïs Nin, 1932-1934*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- NIN, Anaïs. *La casa dell'incesto*. 6ª Ed. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2008. Universale Economica Feltrinelli.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 2015. Acadêmica.
- NUNES, Sandra; SAID, Roberto (org). *Margens teóricas: memória e acervos literários*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. Humanitas.
- RAZON, Laure. *Enigma do incesto: da fantasia à realidade*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.
- RICHARDS, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. Humanitas.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*. São Paulo / Belo Horizonte: Companhia das letras / Editora UFMG, 2007.
- SCHOMMER, Aurélio. *Dicionários de fetiches*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. Humanitas.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Tempos de pós-crítica: Ensaaios*. 2ª ed. revista. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2012. Col. Obras em Dobras.
- SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (org). *Modernidades alternativas na américa latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. Humanitas.
- SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Humanitas.
- SOUZA, Eneida Maria de; TOLETINO, Eliana da Conceição; MARTINS, Anderson Bastos (org). *O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Humanitas.
- STEARNS, Peter Nathaniel. *História da sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e Gênero: a construção da identidade feminina*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.